

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

PERFIL DE CONHECIMENTO SOBRE DST/AIDS EM PACIENTES GINECOLÓGICAS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DR. MIGUEL RIET CORRÊA JR. HU-FURG

**Greco, Fernando Salles Rodrigues; Ceolan, Etienne; Vitola, Carla; de Oliveira, Gisele Rodrigues; Gatti, Fabiane
fernandogreco@furg.br**

**Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Ciências da Saúde**

Palavras-chave: mulheres; DST

1 INTRODUÇÃO

A prevalência das doenças sexualmente transmissíveis (DST) tem apresentado aumento significativo a nível mundial, e atualmente, são consideradas como grave problema de saúde pública. Infertilidade, transmissão vertical e aborto são algumas das complicações oriundas desse tipo de doença. Tendo em vista o elevado grau de desconhecimento da epidemiologia das DST no país, o presente estudo tem por objetivo analisar o perfil de conhecimento a respeito das DST em pacientes ginecológicas de Rio Grande/RS.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com dados da OMS, o Brasil apresenta cerca de 10 a 12 milhões de casos novos/ano, não incluído nesse número as DST de origem viral como Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e o Papilomavírus Humano (HPV). Na maior parte dos países, poucas são as DST de notificação compulsória e no Brasil essa notificação compreende apenas casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), de gestantes HIV positivas, de crianças expostas ao HIV, de gestantes com sífilis e de crianças com sífilis congênita; omitindo – se, portanto, dados de incidência de outras DST. Ainda de acordo com estimativas da OMS, no Brasil a cada ano 1.967.200 pessoas contraem *Clamídia*, 640.900 Herpes genital e 685.400 HPV, sendo essas doenças na maior parte das vezes, facilmente preveníveis com o uso de preservativos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Pacientes do ambulatório de ginecologia do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. *que* concordaram em participar do estudo, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e responderam a um questionário autoaplicável cujas perguntas consistiam em dados demográficos e socioeconômicos (idade, estado civil, nível de escolaridade) e perguntas relacionadas a sexo, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (idade da primeira relação sexual, uso de preservativos, se já havia ouvido falar em *Clamídia*, Herpes e HPV e quais os meios de transmissão). O presente estudo foi realizado no período compreendido entre janeiro de 2013 a janeiro de 2014, em 80 pacientes com idade entre 15-69 anos.

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Pacientes entre 18-25 anos corresponderam a 22,5% (18/80), em seguida vieram as com idade entre 26-30 anos com 17,5% (14/80), ocupando o terceiro lugar as de idade inferior a 18 anos com 15% (12/80). Em relação ao estado civil, 48,75% (39/80) alegaram ser casadas ou com companheiro fixo. Com relação ao grau de escolaridade, 26,25% (21/80) não haviam completado o 1º grau ou ensino fundamental e 21,25% (17/80) possuíam o segundo grau completo. 58% (54/80) das pacientes iniciaram a vida sexual com idade entre 13 e 17 anos. Quando questionadas sobre o uso de preservativos, 45% (36/80) afirmaram utilizar na maior parte das vezes e 30% (24/80) negaram o uso. Com relação ao conhecimento a respeito de DST, apenas 13,75% (11/80) havia ouvido falar em Clamídia, 32,5% (26/80) em HPV e 55% (44/80) em Herpes. Quando interrogadas sobre a forma de transmissão dessas doenças, o sexo foi referido por 7,5% (6/80) para Clamídia, 15% (12/80) para o HPV e 23,75% (19/80) para Herpes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise breve dos dados, é possível perceber que a grande maioria das pacientes pertence a faixa etária sexualmente ativa, possuindo um número expressivo delas baixo grau de escolaridade, tendo menos da metade referido o uso de preservativo. Somado a isso, levando-se em conta os dados epidemiológicos a respeito das DST, o cenário é alarmante, pois, embora a incidência delas seja muito elevada, poucas pessoas já ouviram falar, e um número menor ainda de pessoas sabem o meio de transmissão das mesmas. Conclui-se, portanto, que embora se tenha muitas propagandas veiculadas pela mídia a cerca da importância do uso de preservativo, políticas públicas voltadas para essa população devem ser intensificadas, para que se tenha não só uma redução importante no número de transmissões, como também da morbi-mortalidade causadas pelas DST.

REFERÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. Portal sobre aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/dst-no-brasil>. Acessado em: 12 jul. 2014.

VILLELA, Wilza Vieira; PINTO, Valdir Monteiro. Atenção às DST em mulheres. In: Compromissos do governo brasileiro com a plataforma da conferência internacional sobre população e desenvolvimento: rumos para Cairo. 2010. p. 159-179.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Prevalências e freqüências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico - Aids e DST; Ano II - nº 1 - até semana epidemiológica 26ª - dezembro de 2013.